

# Estrelas e paus tortos

O GLOBO

110 JAN 1997

JOSÉ SARNEY

A década dos 90 parecia um tempo sem nuvens carregadas. O mundo vivia a euforia do fim das ideologias. A todos parecia que afinal encontraríamos um caminho de concórdia, livres as nações do flagelo da guerra. As Nações Unidas desempenhariam a grande função sonhada pelo seus fundadores: o fórum onde todas as disputas se resolveriam sem lutas. Ao contrário da Liga das Nações, a ONU também cumpriria a missão de combater a injustiça social, o subdesenvolvimento econômico. O conceito de paz vai além da ausência de guerra, para ser, a paz, ausência de fome, de doenças, uma vida digna para todos. Enfim, a utopia dos sonhadores, dos poetas, dos santos pacifistas.

No terreno prático, os vencedores do comunismo, Estados Unidos à frente, construiriam uma nova ordem mundial, um novo mapa do poder, não mais a política da dissuasão e do terror, mas uma certa tutela gerida por organismos internacionais, baseada no direito e exercida sem o fantasma nuclear.

É pouco tempo para um balanço. O que pode significar três anos num século, ou diante da eternidade? Mas é muito na nossa vida e na vida de símbolos que governam os tempos modernos. Começamos um novo ano. O terceiro depois da queda do Muro de Berlim. O que aconteceu em período tão curto? Muitas expectativas não se cumpriram, outras trocaram de rumo e, no global, o otimismo cedeu lugar, não ao pessimismo, mas à certeza de que a História anda, mas não caminha aos saltos, e que a única matéria de trabalho confiável dos homens de Estado é o realismo dos fatos.

A primeira tendência que não se concretizou foi a de que os Estados Unidos aprofundariam sua presença internacional. A pax americana não

conseguiu lançar bases sólidas. Ao contrário, os EUA se voltam para os seus problemas internos e nessa virada tragou o senhor George Bush. A mim parece que Bush, de formação militar, piloto da Força Aérea, diretor da CIA, acreditou sempre mais na força das armas do que na força da política. Sua obsessão pela guerra é bem significativa. A vitória sobre a URSS, para ele, não foi uma vitória histórica e de ideais políticos, mas uma derrota militar.

Ele fez a Guerra do Panamá, uma reedição do **big stick** de Theodore Roosevelt, e ficou feliz com uma presa de má qualidade, Noriega. Fez a Guerra do Golfo e agora, na saída, faz a guerra humanitária da Somália: o show de todo um poderio bélico desfilando para enfrentar aqueles pobres homens, que desde os tempos de Hui, já aparecem nos túmulos da Núbia como escravos, enterrados vivos, com o cadáver dos seus senhores, e que apenas tinham para os reis "essências, peles e uma girafa". O que têm eles? A fome.

Agora, Bush ainda aproveita suas últimas horas para uma ação militar no Iraque. Caso Bush empregasse a Presidência dos EUA para costurar a força da política e não a política da força, no dia 20 de janeiro ele não teria que ver a face da derrota, nos olhos da vitória desse jovem Clinton, tocador de sax e dono de uma obstinada biografia.

A Europa vive os seus anos dourados, retoma seu prestígio histórico e a História volta a passar pelo Velho Continente. Em 1993, o mercado comum se conclui com o fim das barreiras alfandegárias e já se pensa no novo desafio da Europa unificada politicamente. Não importam os nacionalismos, a desintegração do Leste, as guerras separatistas. Estas apenas adiam o sonho de ver as fronteiras dos 12 chegar aos Urais, como queria De Gaulle.

A Ásia levanta-se como o grande espaço econômico do fim do século. O milagre do Japão se estende aos jovens tigres (Taiwan, Coreia, Hong Kong, Cingapura) e parece ser uma

tendência firme na Tailândia, Indonésia e adjacências.

Restam nossa América Latina e a África. Esta empobreceu, perde-se num vazio de objetivos e oportunidades. Quase que não conta e não se vê. Os ricos não precisam mais dos pobres. A ciência e a tecnologia, em vez de ficarem a serviço de todos, transformaram-se numa fonte de comércio. O que devia ser patrimônio da humanidade distorce as oportunidades e cria um fosso cultural entre os países, que passam a ser classificados, os mais pobres, como Estados proletários.

Finalmente, as perspectivas da América Latina não são tão pessimistas quanto há dois anos, quando se pensava que a Europa do Leste ia absorver os excedentes de capital e engoliria investimentos, com suas vantagens comparativas. A instabilidade do antigo mundo comunista, em vez de segurança e atração, mete medo e afasta. Ninguém, em realidade, pode profetizar o que ali vier a ocorrer. A grande indagação cresce a cada dia.

Na América Latina, o México vai muito bem. O Chile desponta como um enclave do Primeiro Mundo e na Argentina não aconteceu a explosão prevista do Plano Cavallo. No Brasil, o episódio Collor nos deu uma autoridade moral e a certeza de que este país não é um país mediocre. Internamente, as forças políticas se conscientizam da necessidade de construir um leque abrangente de apoio para aprovar e respaldar o presidente Itamar Franco nas medidas necessárias a sairmos da crise.

Assim, balanços e especulações maiores à parte, o mundo marcha, sem milagres, mas sem catástrofes. Nada de espetacular, mas nenhum abismo à frente, sabendo, como se diz no Nordeste, que três coisas vamos sempre ter muito: "estrelas no céu, pau torto e gente besta."

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.